

**Andrade, Eugénio de. *Chuva sobre o Rosto (com vinte desenhos de Jorge Pinheiro)*. Prefácio de João Miguel Torres e um poema de Joaquim Manuel Magalhães. Coord. José da Cruz Santos. Porto: Modo de Ler/Edições Afrontamento, 2009. ISBN: 978-972-36-1043-7<sup>1</sup>**

O artista plástico Jorge Pinheiro, numa conversa informal com Eugénio de Andrade, perguntou-lhe quais eram os seus “fantasmas”. Desassombradamente, o poeta respondeu: “o pastor, a criança e a mulher de negro” (p. 5). Qualquer uma destas figuras marca presença na obra eugeniana, e não é invulgar encontrar pelo menos duas delas reunidas nos versos da mesma composição. Que significado atribuir a este curioso trio? Como se relacionam e contracenam tais elementos? Porquê esta recorrência nas páginas do autor de *As Mãos e os Frutos*?

Na poética de Eugénio, os termos adquirem sentidos conotativos específicos, tornam-se vocábulos de uma linguagem única que, quando decifrada por um leitor atento, permite interpretar a sua poesia. Neste contexto, os “fantasmas” persistentes que referi adquirem uma dimensão simbólica: a criança representa o próprio poeta; o pastor personifica não apenas uma figura típica que, na companhia do rebanho, pontilha os campos de Póvoa de Atalaia, mas também o amado e o desejo; por fim, a mulher vestida de negro, outra figura tão comum das aldeias portuguesas, encarna ora a velhice e a morte, ora a sabedoria e a experiência alcançada com a passagem do tempo (p. 6). Afinal, como ensina o ditado popular, “o demo sabe muito porque é velho”.

Cada uma destas figuras corresponde a uma idade específica do ser humano: o menino pertence à infância efémera; o pastor à juventude, pujante de sensualidade; e a mulher à velhice, pois são as viúvas rurais que tradicionalmente se enlutam. No entanto, falta um elo nesta série etária: quem representa a adultícia, a etapa que antecede a terceira idade? Para completar a cadeia, é necessário convocar outra figura recorrente na obra eugeniana: a mãe, uma presença capital — eufórica enquanto viva, e homenageada, com saudade, após a morte.

Inspirado precisamente nas personagens da mulher de negro e da mãe, o artista plástico Jorge Pinheiro ilustrou uma seleção de vinte poemas de Eugénio sobre esta matéria. Tratava-se de um projeto antigo, adiado pela morte do poeta, e que agora o coordenador José da Cruz Santos concretiza neste luxuoso volume, *Chuva sobre o Rosto*. Os textos que compõem a colectânea foram recolhidos de várias obras de Eugénio, distando trinta anos entre si, mas coerentemente agrupadas no plano temático.

A antologia abre com o poema em prosa “É todo um mundo confuso” (pp. 13-15),

---

<sup>1</sup> “Chuva sobre o Rosto, de Eugénio de Andrade”. *Máthesis* (Universidade Católica Portuguesa, Viseu) 21 (2012): 171-173. ISSN: 0872-0215

extraído de *Os Amantes sem Dinheiro* (1950), uma evocação da casa do Adro, onde o poeta nasceu, e da humilde habitação em pedra da Eira, onde passou parte da meninice. Vivendo apenas na companhia da mãe — a figura paterna é notoriamente ausente — estabeleceram-se entre ambos laços e cumplicidades que perdurariam. O último texto da coletânea, outra prosa, intitula-se “As Mães” (pp. 95-96) e é talvez o mais conseguido no equilíbrio que tece entre emoção e arte. Destaco, por exemplo, este belo passo, onde irradia o afeto do poeta pela figura da mãe, compreendida aqui como uma entidade coletiva:

Elas são as Mães, essas mulheres que Goethe pensa estarem fora do tempo e do espaço, anteriores ao Céu e ao Inferno, assim velhas, assim terrosas, os olhos perdidos e vazios ou vivos como brasas assopradas. Solitárias ou inumeráveis, aí as tens na tua frente, graves, caladas, quase solenes na sua imobilidade, esquecidas de que foram o primeiro orvalho do homem, a primeira luz. (p. 95)

Entre estes textos surgem alguns poemas sobejamente conhecidos de Eugénio, com destaque, desde logo, para o tantas vezes antologado “Poema à Mãe” (pp. 27-28), e o mais profundo “Coração do Dia” (pp. 35-36). Estes versos revelam o amor pela figura materna, muitas vezes acompanhada pelo menino, e representada com rosas, gerânios ou violetas (pp. 27-28, 39, 75, 79, 87). Trata-se de uma imagem pastoril, semelhante à das pinturas naïves, um retrato de um amor feliz, que cristaliza o idílio da infância: “Estás sentada no jardim / as mãos no regaço cheias de doçura, / os olhos pousados nas últimas rosas / dos grandes e calmos dias de setembro” (p. 39).

Apesar da unidade temática que mencionei, alguns textos só com alguma complacência do leitor não destoam do espírito da antologia — é o caso de “Sem Ti” (p. 31), um trivial poema de amor, ou o ambíguo “Pequena Elegia de Setembro” (pp. 39-40), que tanto se pode referir à figura da mãe como a qualquer outra mulher. Por outro lado, noto a indefensável ausência de composições como “Vêm da Infância”, de *O Sal da Língua* (1995), “Retrato de mulher”, de *Memória doutro Rio* (1978), ou “Mulheres de Preto”, de *Rente ao Dizer* (1992). Este último constituiria uma escolha apropriada, como se verifica pelos versos: “Há muito que são velhas, vestidas / de preto até à alma. / Contra o muro / defendem-se do sol de pedra; / ao lume / furtam-se ao frio do mundo. / Ainda têm nome? Ninguém / pergunta, ninguém responde. / A língua, pedra também” (*Poesia*, 473).

Os desenhos de Jorge Pinheiro retratam bem essas mulheres que se confundem com a sombra. São figuras expressivas, em traço largo, buscando mais a impressão do momento que o pormenor, em tons ora de cinza ora de castanho quase sépia. Apresentam-se em poses típicas das idosas: vacilantes; cerzidas ao calor das pedras; dormitando ou calcorreando à custa

da bengala o caminho para uma horta ou seara. Sempre enoveladas na solidão muda do pensamento e das recordações, parecem aguardar a morte, conivamente. Como sublinha no prefácio João Miguel Fernandes Jorge, numa opinião que perfilho, a velha de preto, “carregando consigo o manto negro que é a dor, perdeu o instinto do sexo; é já somente o suporte dos atos humanos de um eu empírico; um reflexo, uma coisa-em-si passada. Um sem futuro” (p. 8).

A obra conclui-se com um poema de homenagem a Eugénio, pela pena do amigo e escritor Joaquim Manuel Magalhães, de que realço estes versos: “A vida sem o amor de sempre / é já a morte” (p. 99). O falecimento da mãe do autor de *Chuva sobre o Rosto*, a sua mulher de negro, terá sido possivelmente a maior perda. A primeira fissura por onde a morte, afinal, penetrou na sua obra sem, contudo, a inundar. Por isso, este volume não constitui apenas uma homenagem aos xales negros que se acolhem no granito quente das aldeias do nosso Portugal: é também o legado de um filho à sua mãe.